

---

## O (MAL)DITO LUSO-TROPICALISMO: HISTÓRIA DE UM CONCEITO<sup>1</sup>

MSc. Flávio Carreiro de Santana  
(Universidade de Coimbra/Universidade Estadual Vale do Acaraú)  
flacarreiro@bol.com.br

### **Introdução**

No recente dia 19 de julho de 2010, no Brasil, foi sancionado o Estatuto de Igualdade Racial pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que na ocasião proferiu: "*Estamos todos um pouco mais negros, um pouco mais brancos e um pouco mais iguais*". A necessidade de um Estatuto de Igualdade Racial parece não deixar margem para dúvidas quanto ao preconceito sofrido pela população negra no Brasil, sendo agora combatido com ainda mais rigor pela lei.

Porém, esse preconceito parece ter sido velado, ou discretamente diluído no passado, especialmente pelas propostas científicas levantadas pelo sociólogo brasileiro Gilberto Freyre quando apresentou-nos o conceito de luso-tropicalismo nas décadas de 1950-1960. Emergia, nesse contexto, outra apreciação e esforço em compreender, não apenas o Brasil, mas todo o mundo habitado pelo português, o mais "branco" dos sujeitos no espaço luso-tropical.

Dessa forma, notando a atualidade do tema, e por isso justificando-se sua pertinência, esse trabalho procura compreender o conceito de luso-tropicalismo proposto por Gilberto Freyre, fitando sua emergência como apreciação científica, organização de significado e mesmo projeto cultural para o futuro dos povos que mantiveram (caso do Brasil) ou mantinham (caso das colônias no Oriente e África) contato com o português no passado e no presente.

A proposta científica do luso-tropicalismo em Freyre recorreria ao reconhecimento de uma nova civilização nascida nos trópicos graças à presença lusitana, conformando uma realidade cultural própria, nascida da simbiose das diferenças raciais, geográficas e culturais, mas que formavam uma unidade.

Entender os caminhos e argumentos no tempo que deram sentido a essa proposta luso-tropical foi a nossa principal preocupação, a partir, especialmente, da literatura produzida por Gilberto Freyre em diversas ocasiões, e motivadas por interesses diferentes, desde palestras à pesquisas encomendadas por órgãos estatais.

---

Portanto, reunimos um conjunto de textos freyrianos que imprimem sentido direto ou indireto à arquitetura conceitual do luso-tropicalismo, e que cobrem um período de produção que vai da década de 1930 até o início da década de 1960, período de maturidade do conceito em questão.

*I - O luso-tropicalismo: uma prática científica.*

Proposto por Gilberto Freyre (1900-1987), o luso-tropicalismo foi cunhado e melhor organizado como proposta de saber, muito depois das suas investidas enquanto cientista social. Se o aparecimento do termo só foi possível em 1950, quando de uma conferência sua em Goa, enquanto campo de saber específico, a mesma já havia se delineado desde a produção de sua obra mestra, *Casa Grande & Senzala* (1933).<sup>ii</sup>

Constituindo-se como uma tentativa de interpretação do Brasil, na sua base de formação da sociedade ainda na colônia, a obra *Casa Grande & Senzala* trouxe para o centro da discussão temas caros, e inéditos em abordagem, da sociedade brasileira e sua relação com os “Outros”, a exemplo do povo português e africano, somando ainda ao nativo, ou seja, ao elemento indígena.

O primeiro desses temas pode ser apontado a partir da discussão racial no Brasil, especialmente à condição de sua miscigenação. Antes apontada como condição doentia, e por isso considerada uma degenerescência da formação da sociedade brasileira, a mistura de raças foi tratada por Gilberto Freyre como uma das grandes riquezas da nação, popularizando e legitimando o entendimento de que, assim como o português, o indígena e o africano tiveram uma participação positiva na formação psicocultural do povo brasileiro.

Analisando a condição colonial brasileira entre os séculos XVI e XVII, especialmente focando a sociedade açucareira e escravista nordestina, Freyre discorreria as relações sociais e culturais em torno família patriarcal, representadas na casa grande. Gravitariam, a partir dela, relações ou misturas biológicas, morais e comportamentais, próprias para definir o sujeito brasileiro em sua especificidade, mas também em sua diversidade enquanto povo diferente das “culturas boreais”, ou seja, de matiz especialmente européia.

Tal compreensão sobre a importância da miscigenação na formação da sociedade brasileira, só foi possível dado o contato de Freyre com os ensinamentos do antropólogo Franz Boas, nos EUA, na ocasião do curso de mestrado em Ciências Políticas na Universidade de Columbia. Tão impactante foi a presença do antropólogo para a compreensão e produção de *Casa Grande & Senzala*, que o mesmo Freyre, em prefácio à primeira edição, reconheceria:

Foi o estudo de Antropologia sob a orientação do Professor Boas que primeiro me revelou o negro e o mulato no seu justo valor – separados dos traços de raça os efeitos do ambiente ou da experiência cultural. Aprendi a considerar fundamental a diferença entre raça e cultura; a discriminar entre os efeitos de relações puramente genéticas e os de influências sociais, de herança cultural e de meio.<sup>iii</sup>

Não fosse o contexto em que foi publicado, e por isso mesmo considerado um escândalo dentro e fora do Brasil, Freyre investiria na ideia de miscigenação como uma nova abordagem para a condição cultural nos Trópicos, ou daquilo que se entendia por *tropicalismo*. Consideramos importante apontar que, o luso-tropicalismo derivaria de outra compreensão para o entendimento do que era tropicalismo, e que em Freyre encontraria não apenas clareza e impressão de outro sentido, bem como investimento prático em produção científica que assegurasse, em 1950, uma melhor definição para o termo luso-tropicalismo.

Na verdade, a compreensão do tropicalismo, ou seja, do modo e vida dos povos nos trópicos, estava cercado de uma grande carga de preconceito, uma vez que considerava este espaço inadequado para a aclimação e sobrevivência dos valores considerados “civilizados” em detrimento daqueles primitivos ou bárbaros, precisamente, europeus. Em *Casa Grande & Senzala*, antes de apresentar uma valorização a uma cultura luso-tropical, Freyre inverteria o próprio entendimento comum daquilo que era compreendido como tropicalismo, buscando um novo conceito que reabilitasse, inclusive, a miscigenação como experiência positiva. Assim, revisitando o conceito de tropicalismo, desabafaria contrariado:

(...) o velho conceito de tropicalismo: negação de quanto fosse primor ou excelência de civilização, inclusive de arte, vinda dos trópicos. O que fosse tropical seria necessariamente bárbaro, desordenado, grosseiro, exuberante, derramado, desmedido, agreste.<sup>iv</sup>

Somou-se a essa nova leitura do conceito vulgar de tropicalismo a outras investidas realizadas por Freyre quando da escrita de *Casa Grande & Senzala*: a novidade no tratamento dos temas (amor, sexualidade, família, gastronomia, vida privada, entre outros), no tratamento das fontes (jornais, fotografias, mapas, testamentos, diários, cultura material doméstica, etc.) e a novidade nas abordagens (trazendo para o centro da discussão, a miscigenação como componente importante para a Antropologia proposta por Boas, suscitada pelo relativismo cultural, especialmente aqueles afeitos à discussão da raça e cultura).<sup>v</sup>

Dito isto, o luso-tropicalismo emergiu antes como uma experiência de trabalho em longos anos de pesquisa e produção, até o momento de ser definir uma conceituação que lhe desse sentido específico. Longos anos de produção, pois Freyre, após a produção de *Casa Grande & Senzala*, investiria grande esforço do tema, tendo cada vez mais claro, a importância da miscigenação para a formação cultural do povo brasileiro, especialmente marcado por um sujeito que lhe imprime uma marca específica: o português.<sup>vi</sup>

Encontramos exemplos desse investimento em torno do tema e da cultura portuguesa como sendo de salutar importância para se entender o Brasil, quando da própria relação, íntima, do autor com o “objeto” estudado. Basta lembrarmos sobre a escrita da sua obra mestra que, embora só publicada em 1933, havia iniciado sua escrita em Lisboa em 1931. Mas não apenas: em 1937, após passar pela Universidade de Londres, Freyre retornaria para Lisboa, Porto e Coimbra, num círculo de palestras que refinariam a discussão em torno do luso-tropicalismo, dando ainda mais forma ao conceito. Desse círculo de palestras, seria editada a obra *O mundo que o português criou* (1940), alargando-se o campo de pesquisa, para além do Brasil, e estendendo-a para as áreas da colonização portuguesa, desde a África e a Índia portuguesas, a Madeira, os Açores e Cabo Verde, e que constituíam, no seu entendimento, “*uma unidade de sentimentos e de cultura*”.<sup>vii</sup>

## 2 - O luso-tropicalismo: um conceito e um projeto cultural.

Não só revisitar o tema do tropicalismo, mas estender o universo de atuação da cultura portuguesa como contribuintes, quiçá os melhores contribuintes, na formação de

outros povos, por áreas mais vastas, geográfica e culturalmente diversificadas, foi tarefa empreendida nos afazeres científicos de Freyre, entre as décadas de 1930 até 1950, e princípios de 1960.

Para tanto, o luso-tropicalismo enquanto definição de conceito, num traslado da prática para se tornar proposta bem definida de saber, só atingiria sua maturidade entre os anos de 1951 e 1952, quando, respectivamente, da sua participação em *palestras* no Instituto Vasco da Gama (Goa) e na Sala dos Capelos na Universidade de Coimbra.<sup>viii</sup> Na primeira ocasião o mesmo discursaria sobre “*Uma cultura moderna: a luso-tropical*” e na segunda participação discorreria sobre o tema “*Em torno de um novo conceito de tropicalismo*”. Ambas as conferências foram posteriormente publicadas na edição da obra *Um brasileiro em terras portuguesas* (1953) e se tornaram, por assim dizer, o fio condutor que melhor definia a proposta de Freyre para o luso-tropicalismo, de forma mais arrojada e cientificamente precisa, visto que conceitualmente delimitada.

Neste sentido, após visitar antigas e algumas colônias ainda mantidas por Portugal em África e Oriente, Freyre esclareceria, em Goa, o seu entendimento sobre o luso-tropicalismo, como um novo tipo de civilização, específica graças à experiência portuguesa no mundo que ele ajudou a criar.<sup>ix</sup> O luso-tropicalismo seria esse elo entre realidades diferentes, mas unidas pela presença portuguesa que, com sua gente e cultura, ajudaria a definir uma identidade comum, quer fosse dada no trânsito entre o Atlântico e a Europa, no caso do Brasil e Portugal, mas também para além dele, uma vez que “*incluía a Índia, a Angola, Moçambique, Guiné, Macau, Timor*”.<sup>x</sup>

Sentimento de pertença, de identidade luso-tropical, que o próprio Freyre reconheceu ao voltar à Índia portuguesa, afirmando que nela “*encontra o brasileiro o mesmo ambiente predominantemente luso-tropical que no Brasil. Da Ásia lusitana tem muito a América portuguesa, sua irmã mais nova*”.<sup>xi</sup> Por esse reconhecimento ou familiaridade possibilitada pela cultura portuguesa no mundo, considerava que o:

Luso-tropical é sempre o conjunto de tal cultura quer se considere o centro de sua vida física – o trópico habitado à maneira mais ou menos lusa – quer o centro de sua vida sobreorgânica ou cultural: a cultura lusíada adaptada aos trópicos.<sup>xii</sup>

Interessante perceber que a compreensão do luso-tropicalismo, mesmo pondo como eixo a cultura portuguesa no mundo, a ela não estava presa, logo que considerava as trocas ou aclimações novas, os outros modos de vida possibilitados pela conjugação

das diferenças. Assim, os trópicos não eram uma cópia autêntica da sua matriz metropolitana, e antes se configuravam como um espaço outro, diferente, uma civilização nova.

Em Coimbra, um ano depois da sua passagem por Goa no ano de 1951, Freyre reafirmaria de modo mais incisivo sua definição para luso-tropicalismo como um esforço português de constituir uma nova civilização quer no passado, quer no presente, dada a sua condição de expansão nas colônias que ainda mantinha. Na ocasião, assegurou:

Essa expressão – luso-tropical – parece corresponder ao fato de vir a expansão lusitana na África, na Ásia, na América, manifestado evidente pendor, da parte do português, pela aclimação como que voluptuosa e não apenas interessada em áreas tropicais ou em terras quentes... aquela em que a valores de sangue tropicais juntam-se, em novas combinações, valores e sangues europeus.

Assim, unindo uma nova leitura do entendimento do que era tropicalismo, e associando a experiência portuguesa em sua expansão colonial, traria Freyre uma proposta inovadora de reconhecimento e esforço científico para o conhecimento dessa nova civilização: a luso-tropical, em todas as suas combinações culturais, misturas de raças, onde o português deixou de ser “*um povo exclusivamente europeu para tornar-se a gente luso-tropical.*”<sup>xiii</sup>

Tratada como uma nova civilização, específica em sua formação e com dinâmica própria, só possível pela cultura portuguesa, Freyre proporia a organização de uma ciência especializada (ou especial) na análise e na interpretação da simbiose luso-tropical. A proposta seria publicada em duas obras financiadas pelo Estado português: *Integração portuguesa nos trópicos* (1958) e *O luso e o Trópico* (1961), e bem demonstram a intimidade fosse com o povo, fosse com o Estado português, há tempos mantido por Gilberto Freyre.<sup>xiv</sup>

Ciência essa que não podia ser tomada como nova, pois remontaria já ao século XVI, se observado o modo sistemático com que o português vinha, permanentemente, registrando os seus estudos sobre a civilização que se delineava, a luso-tropical. Para tanto, a moderna ciência luso-tropical se encarregaria de investigar o resultado simbiótico do homem, sociedade ou cultura, de herança européia, mas adaptável e enriquecida pela experiência tropical, e que formaria uma carga de “*saber ou um conhecimento existencial ou experimental dessa nova situação do Europeu não só fora*

---

da Europa, como integrado em meio estranho aos Europeus”.<sup>xv</sup> Ou como dito em outra oportunidade: “*Luso-tropicologia: um estudo sistemático de um encontro dramático de determinada cultura, predominante sobre outras e com a natureza, em espaços já definidos pelos naturalistas como tropicais*”.<sup>xvi</sup>

Para Cláudia Castelo (1999), evocar o luso-tropicalismo como um ramo de saber, e dotá-lo como científico, também era uma proposta do Estado Novo português para justificar sua permanência em antigas colônias, especialmente africanas. Assim, interessa-nos perceber que o Estado Novo salazarista utilizaria as duas obras que financiou, e tomando-as como supostamente científicas, ou falando em nome da ciência, as utilizaria como instrumentos de propaganda e de legitimação da sua própria política colonial. Não que Freyre explicitamente coadune com as pretensões ou usos manipulados, político-ideologicamente, pelo Estado Novo. Mas é legítimo perceber que o autor tenha assegurado grandes possibilidades para que essa utilização fosse feita, dado o tratamento com que expôs a questão luso-tropical como sucesso português no mundo.

É igualmente interessante percebermos outra garantia assegurada pelo luso-tropicalismo freyriano: o pendor para a generalização, diluindo as diferenças geográficas, étnicas e culturais para compor uma unidade, de matiz lusitana, sedimentada principalmente pela paz, ou, como afirmava, *pax lusitana*:

Paz animada pela capacidade, única no português, para confraternizar lírica e franciscanamente com os povos dos trópicos, para amar a natureza e os valores tropicais, para dissolver-se amorosamente neles sem perder a alma ou o sentido cristão da vida.<sup>xvii</sup>

O luso-tropicalismo de Gilberto Freyre, antes gestado enquanto experiência de pesquisa, depois apreendido por um conceito ou significado “científico”, buscaria se transfigurar, dessa forma, numa terceira possibilidade: um projeto cultural de união, na perspectiva de uma “transnacionalização”.

Tomando como linha de conta a nova ordem mundial, marcadamente após a Segunda Grande Guerra (1937-1945), Freyre chamava Freyre à atenção para o efeito nefasto que o isolacionismo ou individualismo dos nacionalismos culturais. Em seu entender, o luso-tropicalismo promovia a superação desse arcaísmo cultural, uma vez que formava um conjunto transnacional ou, como também nomeou, uma união dos “*vários Portugais espalhados em áreas tropicais*”.<sup>xviii</sup> Assim, tomado como um projeto

cultural de unidade das diversidades, Freyre chamaria nossa atenção para possibilidade, quiçá messiânica, do luso-tropicalismo:

Vivemos demasiadamente alheios ou estranhos uns aos outros, os homens de províncias que pela língua comum formam essa unidade transnacional de cultura que é a luso-tropical... Devemos crescer juntos, todos os luso-tropicais: junto uns dos outros e próximos das fontes não sei se diga européias da nossa cultura, que são principalmente as portuguesas. E quem diz cultura portuguesa diz uma cultura que nunca contentou em ser apenas européia, tendo como que nascido com a vocação de ser mais tropical que européia: de harmonizar a Europa com os trópicos sem imperialismo nem violência.<sup>xix</sup>

Pretensamente de perspectiva transnacional, o luso-tropicalismo se encontrava, enquanto projeto cultural, especialmente atado a uma predileção pela cultura européia, pelo nicho lusitano, e que lhe conferia o grau de unidade das diferenças, num todo harmônico, em tons de democracia racial, sem autoritarismos, o que por si, dito isto num contexto marcado ainda por possessões coloniais portuguesas, conferiu ares de utopia ao luso-tropicalismo.

Deixadas de lado as suspeitas à utopia do projeto cultural luso-tropical, Freyre proporia uma leitura a partir da superação dos valores aparentemente contraditórios que o português ajudaria a formar. Dizemos superação, pois formado num todo harmônico, o português contribuiria para a formação de “*um mundo novo, uma civilização nova, uma cultura nova, e que deve se chamar civilização ou cultura luso-tropical*”.<sup>xx</sup> Assim, seria português esse agente que havia ligado a civilização européia aos trópicos, através de obra “*não apenas intuitiva, mas em parte, científica, de estudo, previsão e experimentação, e não somente de aventura*”.<sup>xxi</sup>

A escolha pela cultura portuguesa como principal agregadora dessa nova civilização tropical, e que motiva o projeto cultural do luso-tropicalismo, encontra justificativa mediante a observação do próprio elemento português em si, bem como em contato com o outro. Tomando-o em sua especificidade, Freyre entendeu que o português já trazia em si, em seu caminho aos trópicos, certos traços correntes do seu caráter: versatilidade, plasticidade social, propensão para a miscigenação e ausência de orgulho racial. Isso por que, o próprio português era um “*povo indefinido entre a Europa e a África, nem intransigente de uma nem de outra, mas das duas*”, assegurava Freyre.<sup>xxii</sup>



Dito isto, era o português produto já de muitas simbioses, fosse marcadamente à européia ou africana, a católica, maometana ou judia; propensos à aclimatabilidade, dado Portugal ser um espaço de geografia mais africana que européia ou “boreal”; de índole pacífica, por que cristã, tolerante, de valores ocidentais menos rígidos, tomando a colonização quase como uma atividade missionária, uma aventura salvacionista, e não meramente mercadológica. Por tais características, Freyre apontaria o português como àquele que melhor se adaptou e fez ressurgir, sem maiores tensões com o “Outro”, essa nova civilização luso-tropical:

(...) o português soube em tempo extra-europeizar-se e tropicalizar-se ele próprio. Europeizou e latinizou, e não apenas cristalizou, povos tropicais. Ele próprio, porém, em vez de rigidamente europeu ou imperialmente ibérico, extra-europeizou-se e tropicalizou-se desde o início de suas aventuras ultramarinas, amorenando-se sob o sol dos trópicos ou sob a ação ou requieime da mestiçagem tropical.<sup>xxiii</sup>

Apontando a arte lusitana das relações humanas, as adaptações culturais daí decorrentes, a impressão da *pax lusitana* nas transações sociais em espaços ou em terras quentes, o luso-tropicalismo em Freyre seria obra desse investimento cultural e de um projeto de união a partir do reconhecimento do hibridismo possibilitado pelo modo português de estar no mundo.

Embora não sendo objeto direto dessa comunicação, deve-se esclarecer que o luso-tropicalismo freyriano não passou à margem das críticas, nem no passado, nem no presente. Tomado no mais das vezes como uma arquitetura idealizada, pensada superficialmente por um “lusomaníaco”, que encobriu as tensões, as agressões e desrespeito no contato do português com os povos por ele colonizados, o luso-tropicalismo parece ter servido, e sofrido investimento diante de suas propostas, sobretudo em benefício do Estado português, ausentando ou distanciando muitos intelectuais de um maior compromisso ou alinhamento para com ele.<sup>xxiv</sup>

Resumidamente, as críticas à proposta luso-tropical recaíram especialmente na superação de uma teoria positiva do multiculturalismo como experiência relacional harmônica, onde a mestiçagem era marcada por preconceito e tensões por parte do colonizador português. Nesse lastro de entendimento, Freyre escamotearia, ou não visibilizou, o entendimento que o empreendimento colonial português era, em grade parte, clivagem de uma atividade política e econômica do Estado Português, e não um projeto *a priori* luso-tropical.

O que não podemos, nem devemos cometer, é o erro de não compreender todo um esforço original de pensamento, retirando a proposta luso-tropical do contexto em que foi gestada por Gilberto Freyre, desconsiderando os caminhos e empréstimos da sua teoria, bem como os limites argumentativos e o endereçamento dos seus textos. Assim procedendo, acometeríamos numa atitude impropriedade de cogitar que, longe de ter nexos, o luso-tropicalismo não foi compartilhado por outros cientistas e leitores comuns, como ideia inovadora, projetada para o futuro, e por isso, utópica. Contudo, mensurar o grau de utopismo do luso-tropicalismo freyriano, como positivo ou negativo, talvez seja tão irresponsável quanto não projetar alguma perspectiva para o tempo, especialmente quando na atualidade cresce a crença na lusofonia, essa irmã moderna e “politicamente correta” do luso-tropicalismo.

### **Conclusão**

Partindo de uma perspectiva histórica, esse trabalho teve por finalidade compreender a emergência do conceito de luso-tropicalismo apresentado pelo Gilberto Freyre. Tomando como referências a sua produção científica foi possível compreendermos como este sociólogo brasileiro empreendeu esforço e arquitetou toda uma proposta inovadora que delimitasse um campo de saber específico de atuação.

Seu esforço antes de mais, concentrou-se na apreciação em longos anos de estudo e produção que se estenderam desde uma alternativa de interpretação para a formação social do Brasil, mas que cada vez mais se alargaria numa preocupação com a formação, e distinção, de um espaço luso-tropical, concentrando atenção nas contribuições psicoculturais do português no mundo.

Travessia maturada por pesquisas e atuações nas áreas consideradas de domínio português, notadamente aquelas do Oriente e África, e que se configuram antes como investimento em apreciações para só após lançar a proposta de uma área de saber específica. Justificava a necessidade, nesse ramo científico novo, de dedicação para se compreender e apurar o modo de vida possibilitado pela presença portuguesa, em simbiose com as culturas locais ou “autóctones”. Assim, o luso-tropicalismo seria esse universo diferente, miscigenação de práticas e convívios com dinâmicas próprias, onde

o elemento português seria o principal eixo de definição e o elo de ligação para diluir todas as diferenças numa unidade que conferia sentido ao luso-tropicalismo.

Tomado como um povo indefinido, simbiótico desde sua formação, foi o português considerado o elo não só entre a gente dos trópicos, mas desses com a cultura “boreal”, europeia, integrando-os num contexto maior, como projeto cultural transnacional, pela identificação comum gestada nesse convívio e troca de experiências.

Para tanto, o luso-tropicalismo também foi vítima de inúmeras críticas, cujo apontamento destas não fez parte dos nossos objetivos. Acusado de superficialidade da realidade passada e presente nas colônias, que pintava em tons de harmonia as relações sociais, escamoteando as tensões e preconceitos, o luso-tropicalismo ainda serviria ao Estado português como argumento que garantia sua intervenção no Oriente e em África, pela mesma necessidade de civilizar com que havia feito no Brasil.

Mas, a despeito das críticas e dos fins em torno do luso-tropicalismo, este deve ser encarado, antes, como parte de uma ideologia vigente à época. Gilberto Freyre, se não o primeiro, foi aquele que conferiu melhor organização e reconhecimento à criação de uma nova sociedade nos trópicos, partindo de preocupações culturais para superar certo distanciamento que parecia existir entre o “civilizado europeu (português) e os “Outros” (colonizados).

A superação a propósito desse distanciamento, e que foi capitalizada pela proposta luso-tropical freyriana, parece fazer pleno sentido na atualidade, em tempos em que se fala da concertação e cooperação entres os países de língua portuguesa. O atual discurso da lusofonia que projeta outra dinâmica de relações entre esses países, de paridade e reconhecimento mútuo das semelhanças comuns ao grupo, tendo na língua portuguesa seu principal exemplo e força de unidade, parece também trazer a tona a necessidade de voltarmos à proposta luso-tropical como aquela que, primeiro foi, enquanto ideal, sua irmã “mais velha”.

Na certeza que há ainda essa dobra por fazer, sobre a compreensão de como o luso-tropicalismo foi incorporado ou dele foi derivado às pretensões atuais da lusofonia, asseguramos que esse trabalho não se encerra nesse parágrafo, e que voltar ao tema do luso-tropicalismo freyriano parece fazer todo o sentido na atualidade.

## **Referências Bibliográficas**

- 
- CASTELO, Cláudia. **O modo português de estar no mundo: o luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa (1933-1961)**. Porto: Edições Afrontamentos, 1999.
- \_\_\_\_\_. A recepção do luso-tropicalismo em Portugal IN: QUINTAS, Fátima. **Anais do Seminário Internacional Novos Mundos nos Trópicos**. Recife: Fundação Gilberto Freyre, 2000.
- FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal**. Rio de Janeiro: Maia & Schmidt, 1933.
- \_\_\_\_\_. **O mundo que o português criou: aspectos das relações sociais e de cultura do Brasil com Portugal e as colônias portuguesas**. Rio de Janeiro, José Olympio Editor, 1940.
- \_\_\_\_\_. **Um Brasileiro em terras portuguesas**. Rio de Janeiro: José Olympio Editor, 1953.
- \_\_\_\_\_. **Integração portuguesa nos trópicos**. Lisboa: Tipografia Minerva, 1958.
- \_\_\_\_\_. **O Luso e o Trópico: sugestões em torno dos métodos portugueses de integração de povos autóctones e de culturas diferentes da europeia num complexo novo de civilização: o luso-tropical**. Lisboa: Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1961.
- REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC**. 6ª edição. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2003.

---

<sup>i</sup> Este artigo é uma reprodução parcial do trabalho de conclusão do Seminário *Utopias e Imaginários Contemporâneos*, apresentado ao Doutor Rui Bebiano no Doutorado em *Identidades, práticas e representações no Mundo Contemporâneo*, da Área de História Contemporânea da Universidade de Coimbra, a quem agradeço as críticas e avaliação.

<sup>ii</sup> Filho de pai educador, juiz e catedrático no curso de Direito na cidade do Recife, Gilberto Freyre logo cedo começaria as primeiras letras, notando em sua formação o ensino das línguas inglesas e francesas. Motivado pelo seu professor de inglês, partiria para os EUA no ano de 1918, a fim de cursar o bacharelado em Artes pela Universidade de Baylor. No ano de 1921 inicia a graduação e pós-graduação em Artes na Faculdade de Política na Universidade de Columbia, defendendo a tese intitulada *Social life in Brazil in the middle of the 19th Century*, em 1922, mesmo ano em que visita a Europa, e residente em Portugal até o ano de 1924, quando retorna ao Brasil. A partir de 1931 inicia grande participação em academias norte-americanas e européias, convites que o acompanharam por toda vida.

<sup>iii</sup> (FREYRE, 2000, p.xlvii).

<sup>iv</sup> (Idem, 1953, pp.176-177).

<sup>v</sup> (REIS, 2003, p.72).

<sup>vi</sup> Trataremos mais adiante sobre a importância do elemento português para o conceito de luso-tropicalismo.

<sup>vii</sup> (FREYRE, 1940, p.39).

<sup>viii</sup> Esse círculo de palestras ministradas por Gilberto Freyre foi possibilitado pelo convite feito pelo ministro do Ultramar português, Sarmento Rodrigues, para visitar Portugal e suas colônias. Iniciada em agosto de 1951, a mesma seria finalizada em fevereiro de 1952.

<sup>ix</sup> É importante apontar que em grande medida Gilberto Freyre assegurou o luso-tropicalismo como uma nova civilização, após a contestação da obra do inglês Arnold Toynbee, *A Study of History*, que explicava ao longo do tempo a existência de apenas 30 civilizações: 13 haviam morrido, 21 atingiram grau pelo de desenvolvimento, 5 foram consideradas imaturas, 4 haviam abortado, e 7 permaneceram, mas estariam sendo incorporadas como Civilização Ocidental. Nenhuma delas diziam respeito a essa forma própria de vida nos trópicos possibilitada pela presença portuguesa em simbiose com o outro, assegurava Freyre em crítica a Toynbee.

<sup>x</sup> (Idem, 1953, pp.146-147).

<sup>xi</sup> (Ibid., p.129).

<sup>xii</sup> (Ibid., p.140).

<sup>xiii</sup> (Ibid., p.180).

<sup>xiv</sup> Para tanto, basta lembrar que Gilberto Freyre já havia sido nomeado, desde 1938, membro da Academia Portuguesa de História pelo presidente Oliveira. No ano de 1962 a Universidade de Coimbra lhe concederia o título de *Doutor Honoris Causa*.

<sup>xv</sup> (Idem, 1958, p.32).

<sup>xvi</sup> (Idem, 1961, p.53).

<sup>xvii</sup> (Idem, 1953, p.129).

<sup>xviii</sup> (Idem, 1961, p.77).

<sup>xix</sup> (Idem, 1953, p.135-136).

<sup>xx</sup> (Ibid., p.130).

<sup>xxi</sup> (Idem, 1961, p.49).

<sup>xxii</sup> (Idem, 1933, p.05).

<sup>xxiii</sup> (Idem, 1953, p.130).

<sup>xxiv</sup> Não é difícil entender as críticas e distanciamentos de muitos intelectuais à proposta luso-tropical de Gilberto Freyre, se observado, especialmente, a ideologia, especialmente a política de verve marxista, entre as décadas de 1950-1960, momento de maturidade do conceito e do projeto cultural daí decorrente. Para entender um pouco mais tais críticas ver artigo de Cláudia Castelo (2000).